

«A Quaresma não é para repetir que vivemos em tempos desgraçados.
É para curar as nossas raízes e acolher o gosto de fazer aos outros
o que gostaríamos que os outros nos fizessem.»

Frei Bento Domingues, *Um mundo que falta fazer*, 2014
http://www.snpcultura.org/um_mundo_que_falta_fazer.html

«[...] quando tudo se disse, nada mais resta senão agir a palavra.
Denunciar as consequências do cerco que nos rodeia,
que vai devastar tudo, que possivelmente está minando tudo. É dizer que,
contra o cerco, não há senão uma solução: retomar os gestos quotidianos:
semear, plantar, construir, edificar, tecer.»

Maria de Lourdes Pintasilgo, *Dimensões da Mudança*, 1985

PRESENTES

Alice Fernandes, Domingas Vasconcelos, Luísa Resende, Teresa Castro, Sónia Rodrigues

AÇÃO

Encontro para a oração da Quaresma

Preparar

Da alegria por estarmos reunidas em Graal

Da **luz** como tema eucarístico – “viver na luz” (bondade, justiça e verdade)

Ler para orar

Da liturgia de domingo, 30 de março de 2014, 4.º Domingo da Quaresma

Leitura da Carta de S. Paulo aos Efésios



Dantes, vocês eram escuridão, mas agora são luz em união com o Senhor. Comportem-se como pessoas que vivem à luz do dia. Pois, os que vivem à luz do dia produzem frutos de bondade, justiça e verdade. Procurem sempre aquilo que mais agrada ao Senhor. E não queiram nada com as obras más que se fazem a coberto da escuridão. Antes pelo contrário, denunciem-nas! Pois, o que essa gente faz às escondidas é de tal ordem, que até dá vergonha falar nisso. Mas as coisas que são denunciadas pela luz aparecem às claras. Pois tudo aquilo que aparece às claras fica iluminado. Por isso é que se diz:

“Levanta-te, tu que dormes,
Ressuscita, tu que estás morto,
E a luz de Cristo brilhará sobre ti.”

Carta de S. Paulo aos Efésios, 5, 8-14

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. João

Naquele tempo, Jesus encontrou no seu caminho um cego de nascença. Os discípulos perguntaram-Lhe: «Mestre, quem é que pecou para ele nasceu cego? Ele ou os seus pais? Jesus respondeu-Lhes: «(Isso não tem nada que ver com os pecados dele ou dos pais; mas aconteceu assim para se manifestarem nele as obras de Deus. É preciso trabalhar, enquanto é dia, nas obras d’Aquele que Me enviou. Vai cegar a noite, em que ninguém pode trabalhar. Enquanto Eu estou no mundo, sou a luz do mundo)».

Dito isto, cuspiu em terra, fez com a saliva um pouco de lodo e ungiu os olhos do cego. Depois disse-lhe: «(Vai lavar-te à piscina de Siloé); Siloé quer dizer «Enviado)». Ele foi, lavou-se e ficou a ver.

Entretanto, perguntavam os vizinhos e os que antes o viam a mendigar: «Não é este o que costumava estar sentado a pedir esmola?» Uns diziam: «É ele». Outros afirmavam: «Não é. É parecido com ele». Mas ele próprio dizia: «Sou eu».

Perguntaram-lhe então: «Como foi que se abriram os teus olhos?» Ele respondeu: «Esse homem, que se chama Jesus, fez um pouco de lodo, ungiu-me os olhos e disse-me: 'Vai lavar-te à piscina de Siloé'. Eu fui, lavei-me e comecei a ver». Perguntaram-lhe ainda: «Onde está Ele?» O homem respondeu: «Não sei».

Levaram aos fariseus o que tinha sido cego. Era sábado esse dia em que Jesus fizeram lodo e lhe tinha aberto os olhos. Por isso, os fariseus perguntaram ao homem como tinha recuperado a vista. Ele declarou-lhes: «Jesus pôs-me lodo nos olhos; depois fui lavar-me e agora vejo».

Diziam alguns dos fariseus: «Esse homem não vem de Deus, porque não guarda o sábado». Outros observavam: «Como pode um pecador fazer tais milagres?» E havia desacordo entre eles. Perguntaram então novamente ao cego:

«Tu que dizias d'Aquele que te deu a vista?» O homem respondeu: «É um profeta».

Os judeus não quiseram acreditar que ele tinha sido cego e começara a ver. Chamaram então os pais dele e perguntaram-lhes: «É este o vosso filho? É verdade que nasceu cego? Como é que agora vê?» Os pais responderam:

«Sabemos que este é o nosso filho e que nasceu cego; mas não sabemos como é que ele agora vê, nem sabemos quem lhe abriu os olhos. Ele já tem idade para responder: perguntai-lho vós». Foi por medo que eles deram esta resposta,

porque os judeus tinham decidido expulsar da sinagoga quem reconhecesse que Jesus era o Messias. Por isso é que disseram: «Ele já tem idade para responder; perguntai-lho vós».

Os judeus chamaram outra vez o que tinha sido curado e disseram-lhe: «Dá glória a Deus. Nós sabemos que esse homem é pecador». Ele respondeu: «Se é pecador, não sei. O que sei é que eu era cego e agora vejo». Perguntaram-lhe então: «Que te fez Ele? Como te abriu os olhos?» O homem replicou: «Já vos disse e não destes ouvidos. Porque desejais ouvi-lo novamente? Também quereis fazer-vos seus discípulos?»

Então insultaram-no e disseram-lhe: «Tu é que és seu discípulo; nós somos discípulos de Moisés; mas este, nem sabemos de onde é». O homem respondeu-lhes: «Isto é realmente estranho: não sabeis de onde Ele é, mas a verdade é que Ele me deu a vista.

Ora, nós sabemos que Deus não escuta os pecadores, mas escuta aqueles que O adoram e fazem a sua vontade.

Nunca se ouviu dizer que alguém tenha aberto os olhos a um cego de nascença. Se Ele não viesse de Deus, nada podia fazer». Replicaram-lhe então eles: «Tu nasceste inteiramente em pecado e pretendes ensinar-nos?» E expulsaram-no.

Jesus soube que o tinham expulsado e, encontrando-o, disse-lhe: «Tu acreditas no Filho do homem?» Ele respondeu-lhe:

«Senhor, quem é Ele, para que eu acredite?» Disse-lhe Jesus; «Já O viste: é Quem está a falar contigo». O homem prostrou-se diante de Jesus e exclamou: «Eu creio, Senhor». Então Jesus disse-lhe: «Eu vim para exercer um juízo: os que não vêm ficarão a ver; os que vêm ficarão cegos».

Alguns fariseus que estavam com Ele, ouvindo isto, perguntaram-Lhe: «Nós também somos cegos?» Respondeu-lhes Jesus: «Se fôsseis cegos, não teríeis pecado. Mas como agora dizeis: 'Não vemos', o vosso pecado permanece».

Jo, 9, 1-41

Partilhar reflexões sobre as leituras

Expressar uma decisão pessoal: em que zonas da minha vida preciso de ser luz?



Cada esfera simboliza o entrelaçado circular da pertença ao Graal, de cordas que se sobrepõem, se apoiam, se pospõem, se enleiam, numa combinação harmoniosa e esférica.

Cada uma pega numa esfera e formula um desejo ou decisão pessoal.

Ler para refletir

A festa do banquete

É surpreendente que o austero Immanuel Kant, um dos pensadores maiores de todos os tempos, autor da moral rigorista do imperativo categórico, tenha deixado na sua Antropologia um belo texto sobre as regras de uma refeição agradável em boa companhia. Não é saudável, mesmo para o filósofo e sobretudo para o filósofo, escreve ele, comer sozinho. É que o objectivo da celebração de uma refeição não deve ser tanto a satisfação corporal (portanto, comer em ordem à sobrevivência física) - isso podia fazê-lo cada um por si mesmo - quanto o prazer de estar juntos. Daí que sublinhe permanentemente o imperativo do respeito mútuo. "De facto, escreve, mesmo sem prévio pacto expresso, todo o banquete tem uma certa sacralidade". A conversa deve ser mantida em bom ritmo, de tal modo que a refeição termine, "como num concerto, no meio da alegria geral e assim seja tanto mais salutar; como naquele banquete de Platão, do qual o convidado dizia: "As tuas refeições não agradam só enquanto se saboreiam, mas também sempre que se pensa nelas".

Falar em banquete será sempre, portanto, reportar-se também ao célebre Banquete de Platão, esse diálogo sempre luminoso e admirável sobre o amor.

Não é verdade que uma das alegrias grandes que podemos conceder-nos é oferecer um almoço ou um jantar, pelo simples prazer de estarmos juntos? Será possível imaginar uma festa - um casamento, um aniversário, um reencontro -sem um banquete, por mais simples que seja?

Por surpreendente que pareça, há um feriado nacional em Portugal que tem a ver com um banquete, a Última Ceia de Jesus Cristo. Jesus, que escandalizou os contemporâneos, pois comia com mulheres consideradas pouco recomendáveis e os pecadores públicos, antes de morrer, ofereceu uma refeição de despedida. E os cristãos, ao longo dos tempos, deviam reunir-se, lembrando-se dele e da sua causa, que é a causa dos seres humanos, isto é, a liberdade, a dignidade, a igualdade, a felicidade, a alegria, a fraternidade entre todos os homens e mulheres.

Quando os cristãos se reúnem para a celebração da Missa ou da Ceia do Senhor, partilham o pão e o vinho. Na nossa cultura mediterrânica, o pão e o vinho são dois símbolos fundamentais. O pão quer dizer força, vida, o vinho simboliza festa e alegria. Quem convida para essa festa é o próprio Jesus Cristo. Ele oferece pão e vinho. E, segundo a mentalidade oriental, quem oferece uma refeição oferece sobretudo a sua presença. Assim, os cristãos, quando se reúnem para lembrar a Última Ceia de Jesus, acreditam que ele está presente. Mas discutir o modo dessa presença só pode levar a becos sem saída, como é sabido pela História.

O decisivo é reunir-se, ouvindo e cumprindo o único mandamento de Cristo: sede bons uns para os outros, amai-vos uns aos outros como eu vos amei. O amor vence a morte.

Borges, Anselmo, *Janela do (In)Visível*, Porto, Campo das Letras, 2001, pp. 199-200

* Oração preparada e conduzida pela Luísa Resende



Próximo encontro: sábado, 10 de maio, às 17h.